Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXVIII
159
Abril, Maio
e Junho
de 2024

Volatilidade Cambial

Trade Finance

Brasil-Bolívia: Oportunidades de Comércio e Investimentos

Comunicação & Start-Ups

Imagem de Rudolfs Kīntsons por Pixabay

FUNCEX
fundação
centro de estudos
do comércio
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

EDITORIAL

2 Câmbio, *Trade Finance*, Integração Econômica, Comunicação, *Startup*

Miguel Lins

ENTREVISTA

4 Mickael Paolucci e Eduardo Barbosa

Multiplica Crédito & Investimento

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

8 Ainda falta para o real chegar à maturidade

George Vidor

AMBIENTE DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS

10 Mercado Incomum do Sul

Mauro Laviola

12 Os perigos do comércio exterior dos produtos manufaturados e processados de origem do agronegócio fora do *mainstream*

Rui Daher

14 Resiliência e realinhamento do comércio global

Otaviano Canuto

CÂMBIO

20 Volatilidade Cambial: Estimação Otimizada para Oportunidades de Hedge para Empresas

Eduardo Velho

26 Interseção do câmbio e os participantes do comércio internacional: história, inovação e o novo marco cambial

Lia Thomazzi Susin

TRADE FINANCE

32 Comércio internacional e trade finance - uma visão de futuro, a jornada esperada para o período 2024 a 2032

Claudia Hausner

BASE INDUSTRIAL DE DEFESA

44 Ações e atividades em apoio às exportações da Base Industrial de Defesa

Ayla Brandão Guedes SiIva e Bruno da Silva Suhett

RELAÇÕES COMERCIAIS BRASIL E BOLÍVIA

50 O potencial das relações econômico-comerciais Brasil-Bolívia

Francisco Carlos Soares Luz e Alisson Souza Gasparete

57 Atual cenário do gás natural brasileiro sob influência do Gasbol e da geopolítica sul-americana

Luis Augusto Medeiros Rutledge

CULTURA E COMUNICAÇÃO NOS NEGÓCIOS INTERNACIONAIS

64 Comunicação Internacional: Ferramentas para planejar a Comunicação com Diferentes Públicos

Rodrigo Solano

PRÁTICA DE COMEX

70 Aspectos e Cuidados a Tomar Para Incentivar *Startups* do Brasil a Internacionalizarem-se

Ana Paula Paixão Martins

Câmbio, *Trade Finance*, Integração Econômica, Comunicação, *Startup*

Esta edição da RBCE abriu suas páginas para que diversos operadores e analistas do comércio exterior pudessem tecer considerações e sugestões sobre volatilidade cambial, *trade finance*, integração econômica entre Bolívia e Brasil, comunicação e desenvolvimento de startups para a internacionalização das empresas.

De fato, esses temas estão em linha com as intenções estratégicas da Funcex no sentido de incentivar a proposição de políticas a serem defendidas e apresentadas pelo setor de exportação e importação à sociedade civil, em geral, e aos governos federal, estadual e municipal. De modo mais preciso o mundo, no momento presente, passa por uma policrise. Por sua vez, o Brasil é um *global trader* com uma diversificada estrutura de exportação em termos de produtos e mercados que historicamente em média só conquistou em torno de 1% do mercado internacional. Então, por ser *global trader* com pequena presença internacional permite atuar e agir no sentido de obter ganhos de comércio num ambiente de negócios internacional caracterizado por ser volátil, incerto, complexo e ambíguo (VUCA).

Ganhos de comércio podem ser obtidos pelo Brasil apesar dos riscos e das oportunidades decorrentes da transição energética e do incentivo às inovações de *green tecnhology*. Podem ser obtidos em decorrência da transformação digital, da mudança organizacional das indústrias tradicionais em *smart factories*, e do processo de *nearshoring* versus *offshoring* nas cadeias globais de valor. Os ganhos de comércio para serem obtidos necessitam mobilizar recursos financeiros internos e externos para que as empresas que atuam no comércio exterior passem simultaneamente pela transição energética, digital, de inovação de produto e do processo, com vistas a aumentar a produtividade e a competitividade.

Apesar dos riscos e incertezas observados no mundo devido ao ambiente político, econômico, social e legal, é importante que o Brasil adote uma postura proativa como *global trader* para liderar o diálogo em fóruns ou instituições internacionais – como a OMC, BRICS, G20, Aladi, Unctad, BIS, FMI, BID, Banco MundiaI, Fonplata e CAF. Também é preciso uma postura proativa em prol de obter ganhos de comércio e usar isso como bandeira, como um norte de ação para minimizar as guerras comerciais e reduzir os riscos geopolíticos em curso. Isso significa incentivar a tolerância no momento atual entre as nações, parafraseando John Lennon: *Make trade, not war!* Isso porque a expansão do comércio internacional é o motor do crescimento mundial, e de inclusão social com sustentabilidade no uso dos recursos naturais.

Sob uma perspectiva histórica de longa duração, desde o final do século XIX e início do século XX até hoje em dia, a economia mundial do ponto de vista econômico, social e político sempre passou por momentos de conflito e de cooperação, e a sociedade civil, os governos e o Estado do Brasil conseguiram incentivar e perseguir a obtenção de ganhos de comércio para a nação brasileira, e atuar diplomaticamente em prol da paz mundial em cada momento histórico.

Sob essa visão, nesta edição abrimos espaço para Eduardo Velho apresentar uma metodologia para identificar os fatores que causam volatilidade na taxa de câmbio nominal brasileira, e expor de que forma se pode obter trajetórias e eventuais estimativas de piso dessa taxa, para que os operadores que trabalham nas compras e vendas de moeda estrangeira por nacional possam tomar decisões mais precisas e acuradas a fim de minimizar os riscos associados à instabilidade e à flutuação do regime de câmbio brasileiro. Esperamos que em breve essa metodologia de volatilidade cambial *ex-ante*, voltada para os operadores das mesas de câmbio brasileiras, possa ser incorporada à nossa já consagrada metodologia *ex-post*, de indicadores de taxa de câmbio real e efetiva, e rentabilidade de exportações, usada como *proxy* de competitividade internacional, tanto por *policy makers* quanto pelos gestores das empresas de comércio exterior. A seguir, Lia Suzin analisa a história, a inovação e o novo marco cambial no que tange à interação entre os participantes do mercado cambial.

Com relação ao acesso às linhas e às operações de *trade finance*, esta edição abre espaço para três singulares contribuições. Na primeira, exposta na nossa seção de páginas azuis, Mickael Paolucci e Eduardo Barbosa, da Multiplica, expõem como estruturam operações de *trade finance* "*tailor made*" às necessidades de cada empresa atuante em comércio exterior como um tipo *bank as a service* (BASS) de exportação. Ele mostra a jornada para se ter acesso e submeter projetos de exportação, e como combinar antecipação de recebíveis, capital de giro, financiamento à cadeia de fornecedores, e também como se estruturam fundos de crédito privados *offshore* e fundos domésticos captados em moeda real que possam financiar a atividade exportadora. Em resumo, para o mercado brasileiro, isso é um exemplo de inovação financeira na prática.

Na segunda contribuição, Claudia Hausner mostra como as transformações observadas atualmente no comércio internacional se entrelaçam com o *trade finance*, obrigando que inovações financeiras nessa área sejam apresentadas pelos bancos, *fintech*, corretoras e, inclusive, bancos oficiais aos exportadores. Por sua vez, Ayla SiIva e Bruno Suhett completam a tríade sobre *trade finance* ao descreverem ações e atividades em apoio às exportações (notadamente financiamento) à base industrial de defesa (BID).

Esta RBCE abriu espaço para que Francisco Luz e Alisson Gasparette expusessem ideias e sugestões sobre as relações comerciais Brasil e Bolívia, em artigo exclusivo para nossos leitores. A seguir, numa ótica de integração e complementaridade econômica, Luiz Routlege discorre sobre o gasoduto nas relações geopolíticas entre Bolívia, Argentina e Brasil.

Além disso, no sentido de abordar questões de interesse dos gestores nas empresas que estão em processo de expansão de exportações ou de internacionalização dos seus negócios, Ana Paula Paixão Martins discorre sobre aspectos e cuidados a tomar para incentivar *startups* do Brasil a internacionalizarem. Por sua vez, Rodrigo Solano, também com uma visão de internacionalização, expõe de forma inovadora ferramentas para planejar a comunicação com diferentes públicos no ambiente global. Temos ainda breves análises acerca do ambiente de negócios internacionais em que Mauro Laviola escreve sobre o Mercado Incomum do Sul; Otaviano Canuto sobre resiliência e realinhamento do comércio global, e Rui Daher discorre sobre os perigos do comércio exterior de processados de origem do agronegócio fora do *mainstream*. Finalmente, George Vidor, no seu comentário internacional, expõe o que ainda falta para o real chegar à maturidade.

Do exposto, podemos afirmar que esta edição da RBCE reforça a posição singular da Funcex, de buscar, por meio do diálogo entre o setor produtivo e o governo, expor, sugerir e recomendar ações e propostas de políticas de comércio exterior a serem defendidas e apresentadas pelo setor exportador e importador à sociedade, para que os frutos e benefícios oriundos dos ganhos de comércio sejam espraiados por todo o Brasil.

Miguel Lins
Vice-presidente da Funcex